

MEMÓRIAS DO CORPO: ESPAÇO E DEFICIÊNCIA EM *ENQUANTO OS DENTES*, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA

Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira

Universidade de Brasília

(marcusbringel.unb@gmail.com)

Resumo

Este artigo busca analisar a construção dos espaços no romance *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira, a partir da perspectiva do protagonista cadeirante, Antônio, em seu retorno à casa dos pais. Mobilizada pelas memórias entremeadas de deslocamentos da personagem, a obra evoca uma leitura crítica do uso da descrição no texto como recurso composicional do espaço, a partir de um cotejo com as ideias de György Lukács, bem como o ponto de vista suscitado pelo corpo com deficiência na narrativa, através das discussões empreendidas por Regina Dalcastagnè. O objetivo é entender a função literária do espaço construído por uma visão de mundo não hegemônica.

Palavras-chave: Espaço; Deficiência; Corpo; Carlos Eduardo Pereira.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira

Graduado em Letras/Português e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da mesma universidade (POSLIT/UnB). Analista de Gestão Educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).



lattes.cnpq.br/1840061122510553



orcid.org/0000-0003-2976-6061

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

MEMÓRIAS DO CORPO: ESPAÇO E DEFICIÊNCIA EM *ENQUANTO OS DENTES*, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA

Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira

Universidade de Brasília

(marcusbringel.unb@gmail.com)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A função do conceito de espaço dentro do texto literário vai além da simples localização das personagens ou do cenário no desenrolar de situações e tem um papel determinante na construção das relações e das possibilidades simbólicas da produção artística. Nesse sentido, o espaço é primordial na representação das personagens, bem como participa na projeção de ideias e conceitos constituintes das narrativas, desenvolvendo, juntamente com outros elementos fundantes, como o tempo, a voz narrativa, dentre outros, a imagem de mundo própria da matéria literária, com suas individualidades e ideações, que servem como objetivo final às reflexões levantadas pelo autor no diálogo com o leitor.

Particularmente, no romance *Enquanto os dentes* (2017), estreia de Carlos Eduardo Pereira, o espaço adquire diferentes e múltiplos valores no que se refere à trajetória do protagonista Antônio. A narrativa focaliza apenas um dia de sua vida, no processo de retorno à casa dos seus pais, percurso que, diegeticamente, se amplia para além de uma simples mudança, a partir da problematização e do desdobramento dessa jornada. A personagem principal é um homem negro, homossexual, cadeirante, que, após uma série de insucessos na vida afetiva e profissional, deixa seu apartamento para voltar a morar com os pais devido às dificuldades financeiras. O livro narra sua travessia, de barca, do Rio de Janeiro a Niterói, numa viagem que perpassa não apenas espaços urbanos com evidentes dificuldades de locomoção para o protagonista, como evoca memórias dolorosas da sua formação, de modo que a concepção dos espaços e as lembranças reproduzidas na narrativa heterodiegética se ampliam para além dos aspectos de confinamento e deslocamento, alcançando também descobertas e reflexões aprofundadas sobre o corpo e a deficiência.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A imagem do retorno é clássica na literatura ocidental, tendo por principal exemplar o mito grego de Odisseu e sua viagem de volta à Ítaca, após anos de peripécias que o impediam de retornar finalmente à sua terra e à sua família, o que dará origem à obra *Ulisses* (1922), de James Joyce, que narra, assim como no romance de Pereira, um dia na vida de seu protagonista. O processo de retorno de Antônio à casa de seus pais, entretanto, opõe-se à feliz recepção da volta de um viajante, como na fábula bíblica do filho pródigo, tendo em vista a relação traumática do protagonista com seu pai e a mudeza cúmplice de sua mãe, posto que “um filho retornando para casa a essa altura da vida pode ser um processo espinhoso” (PEREIRA, 2017, p. 34). Ao contrário da teoria de Gaston Bachelard (1993), em que há o conforto de reviver “lembranças de proteção” ao evocar “as lembranças da casa” (p. 25-26), já que, fora de casa, acumulam-se “a hostilidade dos homens e a hostilidade do universo” (p. 27), em *Enquanto os dentes*, a volta ao ambiente da infância não é, senão, um percurso de recordação de memórias traumáticas, fomentadas por obstáculos físicos e simbólicos que deixam para trás uma vida de possibilidades em que o protagonista pôde experimentar homens e universos bem menos hostis que seu passado familiar.

Além do deslocamento e da sua simbologia em si como elementos problematizadores do espaço na narrativa, a deficiência de Antônio é um indício estruturante da obra, ao direcionar sua perspectiva e mobilizar o ritmo narrativo, cujo foco reside, muitas vezes, na descrição detalhada de ambientes e percursos. Essa tendência do romance analisado afasta-se da construção exígua de cenários e ambientações na produção contemporânea, uma vez que certas funções do romance se perderam para “a reportagem e para os meios da indústria cultural, sobretudo para o cinema” (ADORNO, 2003, p. 56), retomando valores que o identificam com a linha clássica do Realismo, na qual “a descrição – que originariamente era um entre os muitos meios empregados na criação artística (e, por certo, um meio subordinado) – chegou a se tornar o princípio fundamental da composição” (LUKÁCS, 2010, p. 155). No romance realista típico, “o caráter e a função da descrição na composição (...) sofreram uma mudança radical”, de forma que tal tendência atribuía maior valor a esse aspecto como expressão “da necessidade de configurar de modo adequado as novas formas que se apresentavam na vida social” (LUKÁCS, 2010, p. 155). Pode-se, assim, pensar na estrutura desenvolvida em *Enquanto os dentes*, na qual, por força da deficiência do protagonista – e do ponto de vista da narrativa –, Antônio “passou a ver tudo por baixo” (PEREIRA, 2017, p. 59).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

ESPAÇO, CORPO E DEFICIÊNCIA

Embora a emergência de diversos grupos minoritários nas narrativas midiáticas e políticas seja uma realidade indiscutível nos últimos anos, sua representação e suas perspectivas próprias no campo literário ainda carecem de diversidade, pois sua presença nas obras, suas vozes no discurso e seus pontos de vista nas narrativas apresentam novas “percepções do mundo”, visto que, “vvididas de forma mais ou menos consciente, as perspectivas sociais são o reflexo na maneira de ver e entender o mundo, da pluralidade de condições em que as pessoas se encontram neste mesmo mundo” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 16-19). Se a literatura, dessa forma, pode “abrir novos ângulos de visão, revelar novas dimensões do real” e o espaço, outrora visto como “geografia, território demarcado”, hoje é entendido mais como um “desdobramento de vivências” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 73-78), cabe pensar o romance *Enquanto os dentes* a partir da chave de análise dos direcionamentos que o protagonismo de um cadeirante, mediado pela voz narrativa em terceira pessoa, atribui à narração, já que, ao contrário da hegemonia não apenas literária, mas também política, econômica e cultural, de “homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15), uma visão de mundo, dos espaços coabitados por outras experiências humanas acrescenta uma tensão que se expressa diretamente na ordem narrativa.

Sendo o próprio autor, Carlos Eduardo Pereira, cadeirante e negro, sua concepção de obra é provocada pelas diversas camadas de opressões vividas por ele e que trazem ao romance uma amplitude que, de outra maneira, não seriam alcançadas, posto que “apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 19). Assim, na análise das contingências expressas pelo texto literário no que se refere à deficiência física, tem-se “o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação dessa experiência” (p. 20), o que, por fim, “faz parte de um processo de legitimação de identidades” (p. 14).

É a partir dessa tônica que o olhar do outro – não-deficiente – faz parte da perspectiva sobre si mesmo, como transmite o narrador: “Na rua, as pessoas vivem olhando para Antônio. E ele sorri. (...) Por mais que não queira, que não possa, é obrigado a devolver o sorriso. O melhor sorriso” (PEREIRA, 2017, p. 10). Ao contrário das ausências normalmente pressentidas no texto literário devido à inexistência de vozes dissonantes, “o silêncio dos grupos marginalizados (...) pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15). O contato com a alteridade é invertido quando aquele normalmente visto como o outro é o emissor da voz narrativa, mudando a perspectiva sobre as questões hegemônicas, subvertendo as noções e possibilitando novas leituras sobre a

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

realidade. É o que ocorre quando um ônibus “adaptado” para em frente a Antônio para que ele possa embarcar; o desconforto normalmente experienciado pelos passageiros não-deficientes é substituído pelo olhar do protagonista e seu desconsolo diante da dificuldade – já comum na sua vivência – de acessar o transporte:

É quando para na frente de Antônio um ônibus desses com plataforma mecânica instalada na porta do meio, que traz um adesivo com a mensagem alertando que é para uso exclusivo de cadeirantes. (...) O motorista joga para o lado uma toalha que usa para enxugar a testa e as mãos, dá uma olhada para o cobrador, comunica aos passageiros que pode demorar, salta a roleta em direção à tal porta, coça a cabeça e perde uns momentos analisando o controle composto de dois botões, um verde para descer o mecanismo, outro encarnado para subir. As pessoas no ônibus e no lado de fora esticam o pescoço para enxergar melhor o procedimento. Alguns sugerem suspender Antônio no braço para ser mais rápido, outros acham que assim vai escorregar. (...) O motorista aperta o outro botão, e aí sim a plataforma vai para baixo e os degraus são recolhidos. Antônio (...) sorri, dando a entender que agradece e pede desculpas por tomar o tempo alheio (...). (PEREIRA, 2017, p. 66)

O olhar do outro sobre ele é apresentado pela curiosidade dos passageiros que, pouco afeitos a outras pessoas deficientes, observam com curiosidade e provável aborrecimento todo o procedimento. Assim, representa-se como as estruturas do espaço físico – apropriado ou não a estes ou aqueles cidadãos – “se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferências, (...) através da experiência prolongada e indefinidamente repetida das distâncias espaciais nas quais se afirmam distâncias sociais” (BOURDIEU, 2008, p. 162). Paralelamente, no mesmo parágrafo, divide espaço com a ação do motorista para permitir que Antônio acesse o ônibus, o pedido de um grupo que queria desembarcar volumes de bebidas, a quem não são dirigidos olhares de impaciência ou, obviamente, curiosidade:

Desce um pequeno grupo falando e rindo alto, pedindo paciência ao motorista, pois levariam apenas um minuto para desembarcar as caixas grandes de isopor lotadas de gelo picado, os engradados com bebida quente, as embalagens plásticas com comida dentro, os copos descartáveis e as crianças de colo. Um deles não passa de um garoto, que avisa para esperar porque tem um cadeirante querendo subir. (PEREIRA, 2017, p. 66)

Como afirma Bourdieu (2008), numa sociedade hierarquizada, não há espaço que não expresse tais distanciamentos sociais, “sob uma forma deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito da naturalização”, os quais representam “as diferenças produzidas pela lógica histórica” em que “o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou a distinção)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

das posições que o constituem” (p. 160). Portanto, diante dos valores atribuídos àqueles marginalizados pela sociedade, cujo direito de deslocamento é constantemente questionado, as possibilidades físicas de deslocamento de Antônio, bem como os olhares dos outros sobre sua deficiência constituem o repertório de espacialidades e pertencimentos do corpo com deficiência, pois “um foco sobre a movimentação das personagens pelo cenário urbano (...) desenha um mapa de deslocamentos possíveis”, o que “permite discutir a forma como se dá a anulação de determinados pontos de vista a partir do seu enclausuramento em espaços privados” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 111). Nesse sentido, um indício essencial da constituição dos espaços na literatura contemporânea é o seu próprio corpo, já que “a personagem transporta seu próprio espaço”, e, assim, “podemos ler, nas marcas do seu corpo (...) os seus próprios deslocamentos. É em seu corpo, afinal, que se inscrevem os lugares por onde andou, e aqueles que não lhe estão reservados” (p. 129).

Em *Enquanto os dentes*, o corpo de Antônio desenvolve uma corporeidade e, portanto, uma espacialidade específica após o acidente – que o levou a descobrir uma doença neurodegenerativa –, mas cuja inadequação diante do mundo já havia se prenunciado durante sua infância e adolescência: “A relação de Antônio com o sol é distante. Foi assim desde o princípio, mas de uns tempos para cá a coisa piorou. Um complexo de magreza, uma vergonha, fez com que ele jamais se apresentasse sem camisa na presença de alguém, incluindo o Comandante e a mãe” (PEREIRA, 2017, p. 73). Se “o espaço seria, em primeiro lugar, aquilo que podemos perceber através do nosso corpo” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 68), o corpo, como superfície de contato com o mundo externo, representa para a personagem o contorno de sua espacialidade, principalmente devido à inconformidade com os referenciais de sua vida, fossem a família, os vizinhos ou os colegas de escola: “Ele se enrolava com a túnica, se sentia incomodado com os olhares, com os risos dos garotos caçoando dele e que ninguém parecia perceber” (PEREIRA, 2017, p. 54). Construído pelos olhares que cerceavam e demarcavam o desenho de sua corporeidade desde a infância, seu corpo é desconstruído pela doença que o faz rever os espaços da sua mobilidade; não apenas seu corpo biológico, mas seu “corpo tornado social, com as cicatrizes e rasuras próprias do seu tempo e suas circunstâncias” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 137), ressaltando que “o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem” (p. 109).

Na idade adulta, ao conhecer Arnaldo, um bailarino com quem viveria durante alguns anos, essa relação, mais uma vez, apresenta o corpo como espaço de descoberta, seja do outro, seja de si próprio: “Ele dizia que era preciso descobrir as percussões do próprio corpo, do coração, e achava muito triste quando um dançarino não tinha ouvido para dançar. Arnaldo acreditava na dança como manifestação política, no corpo como ferramenta de expressão do modo de enxergar a vida” (PEREIRA, 2017, p. 57). A redescoberta da

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

sexualidade após o acidente se interrompe mais pela incapacidade do outro em lidar e compreender sua nova corporeidade do que pela sua disposição em reconhecer os novos contornos do corpo e sua relação com ele:

Antônio ressurgiu, só que um tanto diferente. Voltou a se encontrar com velhos amigos e a recebê-los em casa. (...) Uns menos e outros mais indiscretos, que Antônio foi conhecendo ao longo da vida, em eventos isolados, e que naqueles dias voltaram com força total, não dispersos, um a um, como costumava ser, mas todos juntos. Atendendo a uma convocação invisível, eles foram chegando, sem a mais vaga ideia de como se portar com Antônio, mas cheios de curiosidade, que foram sumindo pouco a pouco. Algo se quebra depois que você vira cadeirante, ou desencaixa, e não é verdade o que dizem os psicólogos, que o sexo continua sendo sexo, do ponto de vista de um deficiente, que o sexo está mais na cabeça do que no órgão genital. Sexo é pau duro, é penetração, e não dá para ignorar que mais de setenta por cento do corpo de um homem assim fica fora de uso, não adianta tocar que ele não sente nada. Os dias de loucura terminaram quando Antônio caiu da cadeira de rodas pela última vez, nas mãos de um desses amigos. O sujeito o carregou no colo, colocou de volta na cama, desligou o som e foi embora (PEREIRA, 2017, p. 92).

À medida que sua saúde se deteriora, a sensibilidade do corpo passa a sofrer alterações que o colocam em descompasso com a temperatura e o clima externos, resultando, portanto, numa dissociação corpóreo-espacial, em que a doença representa a culminância de sua inconformidade com um mundo, cujos espaços se mostram, mais uma vez, inaptos a conformá-lo e recebê-lo, agora como cadeirante:

Ele não sente nada. Ou sente dores, e essa é outra contradição em sua cabeça. Essas dores perturbam o tempo inteiro, tanto nas partes do corpo que pela lógica não deveriam doer quanto no resto. (...) As pontas dos dedos já não captam as sutilezas de alguns materiais e nem sempre Antônio consegue distinguir diferentes texturas se não estiver olhando bem de perto, se não roçar de leve o rosto, se não cheirar ou lambe a superfície. A camada mais externa da pele pinica, arde, formiga. Antônio é capaz de cada vez menos. Com as limitações físicas, foi perdendo trabalhos, não entra mais na maioria dos lugares, não alcança determinadas alturas, não tem a mesma disposição de outros tempos (PEREIRA, 2017, p. 59).

Aprofundado pela deficiência, o conflito com o próprio corpo e o espaço ao redor se expressa na incontinência urinária, presente na infância e que retorna agora como exercício de autoconsciência do corpo e de seus limites:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Antônio sente um cheiro de urina. Lembra que a última vez que mijou foi ainda no antigo apartamento, mas a calça molhada de chuva vai disfarçar a mancha. Se estivesse uma noite clara ou, pior, se fosse uma tarde de sol, certamente passaria vergonha. Ele costumava dar desses vexames na infância. A mãe levava o colchão manchado para o quintal e depois recolhia, momentos antes de o Comandante voltar do *happy hour*. A lesão na medula não deixa que Antônio perceba a bexiga cheia, de maneira que ele teve que aprender a se controlar de outra forma. De quatro em quatro horas ele vai ao banheiro, mesmo sem sentir vontade, e mijá num pote transparente ou saco plástico, tanto faz, o importante é ter um contador de volume, e é bom que não ultrapasse a marcação de quatrocentos mililitros a cada vez, que a urina não esteja muito escura ou muito turva, que o odor não esteja muito forte, indicações óbvias de uma bruta infecção no trato urinário, por isso ele administra a ingestão de líquidos, que não pode ser muita, senão vaza, e também não pode ser pouca, para não detonar os rins.

O período na clínica acabou servindo para entender como as coisas funcionam. Para não dar trabalho aos técnicos e enfermeiros, sempre ocupados com seus muitos afazeres, (...) Antônio aceitou com um sorriso a sugestão de usar fraldas geriátricas, minimizando as chances de que um funcionário gordo, escalado toda vez que era preciso alguém forte o suficiente para manusear seus ossos compridos, que esse funcionário resmungasse demais por ter que trocar o lençol toda hora.

(PEREIRA, 2017, pp. 85-87)

Os sentidos do espaço no romance *Enquanto os dentes*, portanto, são mediados não apenas pelo corpo, mas pelas possibilidades de mobilidade e de pertencimento da personagem, que culminam no contato com a alteridade e na reflexão sobre a deficiência numa realidade pouco inclusiva, cujos ecos se encontram na fase de formação do protagonista. Dessa forma, exemplificam-se, no texto de Carlos Eduardo Pereira, concepções de espaço que vão além da geografia, da construção de um simples mapa de deslocamentos, para pensar na sua expressão, diante da deficiência física, por meio da sexualidade, do estranhamento e do tato.

DESCREVER O ESPAÇO

Outra prática espacial cuja análise é suscitada pelo romance de Carlos Eduardo Pereira é a tendência a longas e detalhadas descrições de espaços e objetos componentes do cenário, prática narrativa que se afasta da tendência contemporânea de alusão ao ambiente, produzida, como já se discutiu, por um repertório de imagens espaciais ofertadas por outras mídias. Em *Enquanto os dentes*, entretanto, o detalhe e a minúcia na composição dos espaços

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

são um fator preponderante no texto que pode se expressar, por exemplo, na descrição de ambientes privados e íntimos, como o antigo apartamento do protagonista:

Uma estante ocupava uma das paredes, e nela Antônio expunha seus livros de literatura, o Manifesto Comunista, seus livros de filosofia, seus livros de arte e outros objetos, uma botija encarnada que havia comprado numa feira em Buenos Aires, uma cumbuca marajoara com motivos em relevo (que, segundo o vendedor nativo, se tratava de uma urna funerária, o que era muito estranho considerando as dimensões reduzidas), discos antigos de bandas que não tocam mais, discos do Prince, discos do Wando, o novo da Björk. Usava as capas e as lombadas dos livros para compor a decoração, contrastando as cores com a superfície branca da sala e da própria estante, que ele havia encomendado a um marceneiro habilidoso. (PEREIRA, 2017, p. 24)

Da mesma maneira, a tendência à catalogação se mantém mesmo quando os objetos não estão dispostos em um espaço fixo, mas no caminhão de mudança e destinados a uma nova acomodação quando da chegada na casa dos pais:

Antônio sorriu, fez que sim com a cabeça e acompanhou como pôde a acomodação dos pertences que lhe restaram: um pufe vermelho, um vaso de cerâmica com uma leguminosa, um outro com uma espada-de-são-jorge, três panelas, uma garrafa térmica, dois pratos, dois copos, dois garfos, duas facas, sete colheres, uma caixa de isopor tamanho médio, um pano de prato, um pano de chão, um cabo de vassoura com um gancho de plástico na ponta, um balde, um avental, uns cacarecos de enfeite, quatro pilhas de livros, um ferro de passar, cinco potinhos de vidro com tampa, pincéis, lápis, tesouras, rolos de fitas coloridas de tamanhos e larguras diferentes, uma máquina de costura, dois lençóis de casal, um cobertor, dois travesseiros e duas fronhas, dois cabides, três mudas de roupas bem dobradas, um criado-mudo turquesa, duas toalhas de banho, duas de rosto, um altarzinho de madeira e um quadro, o último, que ele mesmo pintou e não sabe se não conseguiu vender porque não interessou a ninguém ou se acabou não colocando a energia necessária para se desfazer dele. (PEREIRA, 2017, p. 06-07)

A propensão da narrativa à descrição quase obsessiva de objetos e a composição de ambientes se apresenta novamente em situações de mobilidade de Antônio, quando o narrador antecipa para o leitor o percurso a ser transposto pelo protagonista:

Do lado de lá da baía, a Gaivota vai dar em outra praça. Chegando ao terminal, Antônio vai cruzar o aterro composto de campos de futebol que são areia pura, quadras de concreto com tabelas de basquete quebradas e aros empenados, montinhos de terra e tufo de grama, uma lona cultural da prefeitura caindo de desuso, meia dúzia de aparelhos de mexer os ossos de contribuintes da terceira idade, e nenhuma cobertura contra a chuva. Mas o

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

que deve impressioná-lo de verdade é a vista que se tem logo ao sair da estação. Quem deixa as barcas é obrigado a contemplar o paredão sem tamanho ao fundo de tudo. Antônio vai encarar o morro, a quantidade inacreditável de luzinhas acesas feito estrelas no céu preto, as luzes dos postes, os emaranhados de fios que saem das gambiarras que, de alguma forma, distribuem energia aos moradores da maior comunidade da região, que hoje deve estar tranquila, porque nenhum dos lados em disputa por território vai se atrever a dar de cara com a chuva braba. Se fizesse um sol bonito, Antônio poderia enxergar a pedreira que ocupa uma parte à esquerda da montanha, que certamente daria para abrigar centenas de famílias não fosse a encosta, o barranco que a cada verão aumenta devido às trombas d'água que engolem aos pouquinhos aquilo que um dia já foi uma floresta. (PEREIRA, 2017, pp. 45-46)

O papel da descrição, neste caso, assume ainda uma função composicional definitiva ao desenhar a transformação do seu apartamento devido à adaptação para sua paraplegia:

Foram só as primeiras modificações, as mais urgentes. O básico para que ele pudesse retornar para sua vida normal: no banheiro, o vidro do boxe (teve que ser trocado por uma cortina de florzinha), o chão desse banheiro (ganhou um caimento de alguns graus, alguns centímetros na direção do ralo, para conter algo da água que escorria porta afora em cada banho sem a pedra de contenção), o gabinete (precisou sair para dar espaço para alguém apertado numa cadeira de rodas), as barras de metal chumbadas na parede de azulejos (apoios desnecessários, só depois é que Antônio foi descobrir), o piso antiderrapante (igualmente inútil), o vaso sanitário (acabou substituído por um no qual se encaixasse uma cadeira higiênica), o bidê (foi arrancado), a instalação da porta de correr no tal banheiro (e em todas as demais da casa), e a bancada da cozinha, e o armário do corredor, e as alturas das coisas, enfim, o mais urgente. Depois ainda viriam outras obrinhas. Mexeram em todos os cômodos. (PEREIRA, 2017, p. 25)

A descrição como componente narrativo foi alvo de diversas discussões teóricas acerca de sua validade diante do enredo e mesmo acerca do ritmo narrativo. Em *Narrar ou descrever?* (1936), de György Lukács, a prevalência da descrição à narração é atribuída ao romance realista e naturalista a partir de uma visão que desdenha do valor estético e poético do uso da primeira no texto literário, resultante de uma adesão dos escritores do movimento à monotonia e ao tédio da era moderna, deturpada por aquele estágio da estrutura capitalista. Segundo o autor, em oposição ao romance épico:

O predomínio da descrição não é apenas efeito, mas também se torna causa: causa de um afastamento ainda maior da literatura em relação ao significado épico. O triunfo tirânico da prosa do capitalismo sobre a poesia imanente da experiência humana, a crueldade da vida social, o rebaixamento do nível da

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

humanidade são fatos objetivos que acompanham o desenvolvimento do capitalismo – e é deste desenvolvimento que decorre necessariamente o método descritivo. (LUKÁCS, 2010, p. 165)

Lukács (2010), ressalta, entretanto, que, na descrição, “a representação e a caracterização dos homens e objetos de acordo com a experiência sensível imediata é uma operação que possui sua própria lógica e um seu modo específico de determinar o que é importante” (p. 169). Em se tratando da obra aqui analisada, o predomínio da montagem do espaço através do método descritivo parece estar diretamente ligado à deficiência do protagonista, de tal sorte que, num mundo não preparado para a mobilidade de cadeirantes, avaliar e compreender os espaços e os percursos a serem atravessados é de suma importância, o que justifica a relevância desses dados para a escolha narrativa do romance. Regina Dalcastagnè (2012), falando da constituição literária da cidade a partir de perspectivas femininas, que, assim como os deficientes, não pertencem ao grupo hegemônico, ressalta que “seria outro o desenho da cidade caso acompanhássemos efetivamente seus passos, dificultados pelo peso das sacolas de supermercado, pelos carrinhos de bebê, pelos sapatos desconfortáveis. Talvez, as calçadas irregulares fossem mais importantes para a definição do espaço urbano que as belas fachadas de seus prédios” (p. 113).

No romance analisado, o foco no inventário de itens pode indicar uma relação com a distribuição dos espaços, uma vez que sua mobilidade depende da passagem com sua cadeira de rodas – cuja descrição e funcionalidades também têm espaço na narrativa. A cadeira de rodas anterior, chamada de “Das Gringa” por ser importada, era superior à atual, mas, ao quebrar, teve que ser substituída por um modelo mais antigo e pior, que lhe dificulta o deslocamento em várias das situações:

A cadeira de rodas que Antônio usa agora é uma cadeira antiga. Porque a outra, uma cadeira de rodas importada da Alemanha que ele usou por quase quatro anos, quebrou. Ele a chamava de Das Gringa, isso porque em certas regiões da Alemanha existe o costume de dar nome aos locais onde as pessoas vivem, às suas casas. Das Stille, por exemplo. Antônio encomendou Das Gringa na cor deep blue ice, e ela foi confeccionada sob medida para acomodar perfeitamente seus ossos compridos. Encosto anatômico personalizado: rígido, porém confortável. A almofada foi paga à parte, assim como o compartimento de encaixar embaixo do quadro com uma bolsa com zíper acoplada a uma correia retrátil de segurança, tudo combinando em azul. O site do fabricante oferece uma bela variedade de opcionais tabelados em euro. (PEREIRA, 2017, p. 8)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

A cadeira de rodas e suas características, bem como os elementos inclusivos para deficientes nas cidades, são matéria de interesse à obra e à proposta narrativa, tendo em vista que a narrativa focaliza o percurso espacial e emocional de Antônio, de modo que itens normalmente ignorados por narradores ou personagens sem problemáticas relacionadas à locomoção aparecem em diversos momentos do texto, com evidente significação no romance:

Naquele sub-bairro específico, as vias são ainda mais acidentadas, e ele vai precisar de força nos braços para superar o paralelepípedo irregular, o meio-fio alto, a calçada devastada pela raiz da amendoeira, e a ladeira um tanto íngreme para chegar em frente ao muro de chapisco da casa onde foi criado. (PEREIRA, 2017, p. 45)

Diante desse recurso narrativo, há que se pensar que o valor do espaço para um autor/personagem cadeirante é particularmente caro, de modo que sua inserção no texto “provisoriamente, suspende o relato da continuidade da ação para se deter nos dados da moldura, do contexto presente onde ela se dá” (DIMAS, 1994, p. 24), pois se presta “a ajudar na elaboração externa/interna do personagem” (p. 41). Longe da casualidade e gratuidade descritivas apontadas por Lukács (2010), principalmente na prosa realista do século XIX afeita à “hipertrofia do detalhe” (p. 154), no romance de Carlos Eduardo Pereira defende-se que, diante da perspectiva delicada assumida pelo narrador e da posição do protagonista na lógica da narrativa, a descrição e os detalhes estão diretamente “relacionados com as experiências humanas” apresentadas pelo livro, de modo que elas apresentam função precípua “na concatenação dos destinos humanos” (p. 175), mais especificamente no trajeto espacial e emocional de Antônio até a casa dos pais.

A descrição dos espaços acresce-se ainda à composição do protagonista do romance devido à construção da autoconsciência do seu corpo como deficiente físico, que lhe exige especial atenção a detalhes da sua saúde e da sua constituição:

Antônio adorava seu design arrojado, sua estrutura compacta e leve, até porque engordou bastante nesses tempos de cadeira. Agora é que vem emagrecendo. Não sabe exatamente quanto, já que não tem como se pesar. Um cadeirante não consegue se pesar numa balança de farmácia, ou de consultório médico. O sujeito que usa uma cadeira de rodas precisa estar sempre se olhando no espelho, comparando seu reflexo com o do dia anterior: se a cara está mais larga, é porque ganhou peso; se está mais fina, é porque perdeu. É bom olhar para a barriga também, se ela cresceu ou se diminuiu. Outra maneira de verificar é sentando na cadeira de rodas e enfiando os dedos entre os quadris e as proteções laterais dessa cadeira: o esperado é que os dedos passem, nem muito espremidos nem frouxos demais. (PEREIRA, 2017, p. 9)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Portanto, distante de um descritivismo ornamental, a composição literária do romance *Enquanto os dentes* une a perspectiva específica do protagonista cadeirante à constituição de espaços funcionais em uma lógica interna do texto, que permite que a descrição dos espaços e da jornada de Antônio se direcione a um reconhecimento ímpar na representação artística daquele normalmente lido como o outro.

DE ESPAÇOS E DE MEMÓRIAS

Narrado por uma voz em terceira pessoa, a obra aqui analisada acompanha o percurso acidentado de Antônio, tanto de forma literal quanto metafórica, em que os diferentes espaços lhe provocam o rememorar de passagens traumáticas na vida com os pais, na relação com os vizinhos, na passagem pela escola naval, nos relacionamentos muitas vezes fugazes com outros homens e, por fim, no acidente de carro e na descoberta da doença neurodegenerativa. Essa enfermidade, que, pouco a pouco, lhe limitará os movimentos e já se apresenta na forma de progressivas perdas sensoriais, encaminha a narrativa a uma reflexão sobre as memórias produzidas pelas vivências do protagonista nas quais, muitas vezes, sua relação com o próprio corpo e com o outro – neste caso, o não-deficiente – assume um papel preponderante na forma narrativa, encaminhando-a ao desenvolvimento e aprofundamento da descrição dos espaços.

Se, na narrativa tradicional ocidental, a casa e a terra natal eram “o lugar para onde o herói voltava após suas andanças e lutas, resgatando o sentido da vida e restaurando sua existência” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 109), na narrativa de Carlos Eduardo Pereira, entretanto, o retorno ao lar paterno distancia-se da felicidade do reencontro, evocando as mais diversas lembranças traumáticas de sua formação. Por meio desse relembrar, são reconstituídos espaços e movimentos que são reinterpretados pela reflexão do protagonista cadeirante, de modo que “a representação do espaço (...) regula a construção do relato, em um processo que acaba por se projetar sobre o próprio sujeito em viagem, também ele uma categoria em transformação”, posto que “sujeito e espaço acham-se intimamente interligados” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 81).

Dessa maneira, a deficiência física de Antônio apresenta-se como índice distintivo da narrativa, modificando e reinterpretando não só os espaços, mas sua apresentação literária. Com efeito, o romance *Enquanto os dentes* alcança possibilidades ficcionais antes inexistentes, propondo uma percepção costumeiramente invisibilizada de mundo como forma estética, trazendo diversidade e amplitude para a leitura dos espaços.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. pp. 55-63.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre *et al.* (Orgs.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 159-166.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, 2005. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077. Acesso em 08 set. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Espaços possíveis. In: **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo/Rio de Janeiro: Horizonte/Editora da UERJ, 2012. pp. 109-119.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1994.

LUKÁCS, Gyorgy. Narrar ou descrever: uma discussão sobre naturalismo e formalismo. In: LUKÁCS, Gyorgy. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. pp. 149-185.

PEREIRA, Carlos Eduardo. **Enquanto os dentes**. Rio de Janeiro: Todavia, 2017.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. Espaço e literatura. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 67-93.

Recebido em: 25/04/2024

Aceito em: 02/07/2024

Publicado em: 30/09/2024

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

**MEMORIES OF THE BODY: SPACE AND DISABILITY IN
ENQUANTOS OS DENTES, BY CARLOS EDUARDO PEREIRA**

Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira

Universidade de Brasília

(marcusbringel.unb@gmail.com)

ABSTRACT

This article seeks to analyze the construction of spaces in Carlos Eduardo Pereira's novel *Enquanto os dentes*, from the perspective of the wheelchair-bound protagonist, Antônio, on his return to his parents' house. Mobilized by memories interspersed with the character's displacements, the work evokes a critical reading of the use of description in the text as a compositional resource of space, from a comparison with the ideas of Györg Lukács, as well as from the point of view raised by the disabled body. In the narrative, through the discussions undertaken by Regina Dalcastagnè. The objective is to understand the literary function of the space constructed by a non-hegemonic worldview.

Keywords: Space; Disability; Body; Carlos Eduardo Pereira

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

**MEMORIAS DEL CUERPO: ESPACIO Y DISCAPACIDAD EN
ENQUANTO OS DENTES, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA**

Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira

Universidade de Brasília

(marcusbringel.unb@gmail.com)

RESUMEN

Este artículo busca analizar la construcción de espacios en la novela *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira, desde la perspectiva del protagonista en silla de ruedas, Antônio, en su regreso a la casa de sus padres. Movilizada por recuerdos intercalados con los movimientos del personaje, la obra evoca una lectura crítica del uso de la descripción en el texto como recurso compositivo del espacio, a partir de una comparación con las ideas de Györg Lukács, así como el punto de vista planteado por el cuerpo con discapacidad en la narrativa, a través de las discusiones realizadas por Regina Dalcastagnè. El objetivo es comprender la función literaria del espacio construido por una cosmovisión no hegemónica.

Palabras-clave: Espacio; Deficiencia; Cuerpo; Carlos Eduardo Pereira.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------